



## CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL: IDENTIDADE E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CAMETÁ-PA

Andreza Prazeres Gaia<sup>1</sup>, Marcia Viana Moraes<sup>1</sup>, Raquel Maria da Silva Costa Furtado<sup>1</sup>

<sup>1</sup>PPGEDUC-UFPA, Cameté, Brasil

<sup>2</sup>UFPA, Cameté, Brasil: Email:marciaviana505@gmail.com

<sup>3</sup>PPGEDUC/CUTINS-UFPA, Cameté, Brasil

### Área: Educação/Ensino

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar as crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa da educação básica do município de Cameté, a fim de verificar como avaliam subjetivamente a fala e escrita de seus alunos, bem como identificar os tipos de atitudes linguísticas que os professores e professoras tomam frente às variedades faladas pelos alunos e alunas do ensino fundamental maior no município de Cameté e analisar os reflexos desses julgamentos nas práticas pedagógicas. Em relação à base teórica, utilizou-se de autores que corroboram com a temática proposta. Para tanto, foi utilizado como método de pesquisa a abordagem qualitativa de análise dos dados, com entrevistas semi-estruturadas feita aos docentes participantes da pesquisa. Sendo assim, foram feitas perguntas subjetivas com os professores, utilizando-se de um gravador de voz para captar as informações fornecidas pelos entrevistados em relação à língua dos alunos. A partir da análise dos dados verificou-se que os professores dispõem de atitudes linguísticas positivas, negativas e neutras em relação à língua e escrita do aluno, também como a ausência de trabalho com as variedades linguísticas contribui para o aumento de atitudes linguísticas, sobretudo, negativas. Enfim, vale ressaltar que a pesquisa apresentada é fulcral para a compreensão e a reflexão a respeito das crenças e atitudes linguísticas dos docentes em relação à fala e a escrita dos alunos, evidenciando que a variedade linguística é algo inerente ao aluno e que deve ser valorizada e preservada no ambiente escolar.

Palavras-chave: atitudes linguísticas; crenças; variação linguística.

### INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que assim como a língua tem uma propensão heterogênea, nas comunidades em que há presença de falares diferentes, haverá também falantes utilizando variações linguísticas. Tarallo (1986, p. 8) afirma que “variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com um mesmo valor de verdade.” Com isso, falantes que não têm consciência da diversidade linguística em nosso país acabam demonstrando atitudes

errôneas em relação às variações, sobretudo quando estigmatizam um determinado falar de uma comunidade, assim como também podem demonstrar atitude positiva, de valorização e prestígio a respeito da língua. Como base teórica, utilizou-se de autores como Bagno (1999) e Bortoni-Ricardo (2005).

Assim, um objeto de estudo relevante seria as crenças e atitudes linguísticas em determinados grupos sociais, investigando, pois, como os professores e professoras de língua portuguesa avaliam e tratam a fala de seus alunos, buscando elucidar o quanto que



suas reações podem influenciar nos usos linguísticos dos educandos. É fundamental mencionar que diferentes pessoas, situadas em classes distintas e desempenhando papéis sociais divergentes, podem apresentar atitudes diferenciadas. Isso torna um elemento importante de ser observado, principalmente, por se tratar de pessoas que lidam com a linguagem, isto é, que ensinam língua.

Com isso, o objetivo geral desta pesquisa é investigar as crenças e atitudes linguísticas de professores de língua portuguesa da educação básica do município de Cametá, a fim de verificar como avaliam subjetivamente a fala e escrita de seus alunos. Como objetivo específico tem-se: Identificar os tipos de atitudes linguísticas (positiva, negativa e neutra) que os professores e professoras tomam frente às variedades faladas pelos alunos e alunas do ensino fundamental maior no município de Cametá; analisar os reflexos desses julgamentos nas práticas pedagógicas; investigar se as crenças e atitudes linguísticas são fatores que podem contribuir para a constituição da identidade social do sujeito-informante da pesquisa.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa buscou como aporte teórico metodológico, a abordagem qualitativa de análise de dados. Foram organizadas as entrevistas semiestruturadas com as perguntas a serem feitas aos professores participantes. Sendo assim, foram feitas as perguntas subjetivas com os professores, utilizando-se de um gravador de voz para captar as informações fornecidas pelos entrevistados em relação à língua dos alunos. O *corpus* do estudo foi composto por uma amostra de 2 professores de Língua Portuguesa, da rede pública de ensino do município de Cametá, zona urbana, atuando no ensino fundamental maior (6º ao 9º ano) com grau de escolaridade ensino superior completo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão mostrados alguns dos pronunciamentos dos profissionais para melhor compreensão do estudo. Nessa conjuntura, evidenciou-se que quando os docentes foram perguntados sobre “como observam a linguagem do aluno ao chegar à escola”. Como resposta verificou-se nos exemplos [01], em UB1 e [02], em UB2 que:

[01] ... *mas a gente percebe os alunos que vem do interior, esses alunos eles têm uma fala diferenciada dos da cidade, então é perceptível isso (UB1)*

[02] ... *nossos alunos são de vários lugares ... cada um tem uma forma de se expressar,... a gente tem um misto de alunos em sala de aula que como seres pensantes e seres sociais nós somos diferentes um do outro (UB2)*

Na fala dos docentes fica evidente que ambos percebem a variedade de fala dos alunos (interior e cidade) de maneira distinta. O UB1 faz uma distinção na maneira de falar, em relação aos alunos do interior, colocando-os como sendo “diferenciado” dos alunos da cidade, o que dá ideia de que há um problema apenas na fala dos alunos interioranos. Então, com isso sua atitude é analisada como *negativa* em relação à fala do aluno interiorano. Enquanto o UB2 expressa uma atitude *positiva*, o entrevistado ressalta que todos nós somos diferentes um dos outros e com isso a nossa linguagem também nos acompanha, pois é uma bagagem cultural peculiar a nós.

É possível dizer que pelo dado coletados da fala dos docentes verificou-se que os professores dispõem de atitudes linguísticas em relação à fala e a escrita dos alunos, quando perguntados sobre “como o professor se sente em relação a sotaques regionais na fala dos seus alunos”. Como



resposta, podemos observar nos excertos [09] e [10]

[09] *Eu acho lindo, eu acho assim que é uma marca da identidade deles né, principalmente, quem vem da região ribeirinha ... eu acho muito valioso trabalhar e mostrar que isso é uma forma de nos identificar (UB1)*

[10] *Levando em consideração que a gente é um observador, eu apenas observo, eu não sou de ficar comentando ou destacando assim (UB2)*

Sendo assim, podemos observar que as atitudes dos professores frente às variedades linguísticas dos alunos são respectivamente, *positivas* por UB1 e *neutra* por UB2. Quando UB1 afirma que *acho lindo o sotaque dos alunos*, logo, está julgando a variedade linguística do aluno positivamente, ou seja, está enaltecendo a maneira como o aluno pronuncia suas variedades de fala. Vale ressaltar, que essa atitude linguística positiva do professor é importante para que o aluno não perca a sua identidade cultural e linguística. Também é relevante ressaltar que as variedades linguísticas são *marcas da identidade dos alunos* como pontua o UB1, sendo assim, a tarefa do professor é valorizar cada vez mais a diversidade linguística, existente na sala de aula.

Por outro lado, quando UB2 diz que *apenas observa, sem ficar comentando ou destacando assim*, sua atitude frente às variedades apresentadas pelo aluno é apontada como *neutra*. Isso significa dizer que, o profissional não faz uso pedagógico da variedade de fala de seus alunos, tampouco levanta alguma forma de julgamento. Vale destacar também, que a pesquisa nos possibilitou verificar que a preocupação dos docentes, parte, sobretudo, por cumprir com a exigência de ensinar aos alunos a norma padrão elitizada, em detrimento disso, analisa-se que os alunos levam para a escola suas variedades

linguísticas e culturais, mas a questão da diversidade linguística não é trabalhada muitas vezes no ambiente escolar. Com isso, faz-se necessário a orientação e o trabalho com as variedades linguísticas com os alunos, afim de que o aluno compreenda os diversos contextos em que poderá fazer uso das variedades linguísticas.

Nesta pesquisa, com a coleta de dados foi possível analisar que os professores não fazem correção da fala dos alunos, com isso chegamos à conclusão de que essa correção não é exigida, pois, as variedades linguísticas podem não ser trabalhadas em sala de aula. Ainda mais, inferimos que falta por parte dos professores no seu plano pedagógico, o trabalho com a diversidade linguística, afim de que atitudes negativas interfiram no ensino dos discentes.

Ainda mais, nas entrevistas feitas aos professores, pudemos compreender que por vezes o docente presencia cenas de preconceito linguístico em sala de aula, mas que, segundo os profissionais, logo o chamam a atenção do sujeito praticante. Com a pesquisa, podemos concluir também que, o professor se sente desamparado e sozinho em relação à conscientização da diversidade linguística na escola, eles demonstraram tristeza ao se referir que não tem um apoio da comunidade escolar, ficando somente a sua função de trabalhar esta conscientização.

## CONCLUSÃO

Através dos pronunciamentos dos docentes, verificou-se que os participantes da pesquisa dispõem de julgamentos em relação às variedades linguísticas faladas pelos alunos, com atitudes positivas, negativas e neutras, o que fica evidenciado o alcance do primeiro objetivo. Podemos analisar que os profissionais conhecem a demanda dos alunos, suas variedades linguísticas, mas, observa-se a ausência de importância em relação às variedades dos alunos, não sendo muito priorizado, o que de certa forma, acaba refletindo nas



práticas pedagógicas, gerando atitudes negativas do professor em relação à fala do aluno. Sendo assim, é verificável que o trabalho com as variações seja focado na sala de aula para que o aluno não seja julgado erroneamente e as atitudes linguísticas dos professores possam corresponder positivamente com essas identidades culturais dos alunos. Analisou-se também, que as crenças e atitudes linguísticas são fatores que interferem na identidade social dos profissionais, quando observam e julgam a fala dos alunos de forma positiva. Por fim, vale ressaltar que a pesquisa apresentada é fulcral para a compreensão e a reflexão a respeito das crenças e atitudes linguísticas dos docentes em relação à fala e a escrita dos alunos, evidenciando que a variedade linguística é algo inerente ao aluno e que deve ser valorizada e preservada no ambiente escolar. Vale ressaltar que a pesquisa apresentada é fulcral para a compreensão e a reflexão a respeito das crenças e atitudes linguísticas dos docentes em relação à fala e a escrita dos alunos, evidenciando que a variedade linguística é algo inerente ao aluno e que deve ser valorizada e preservada no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico.** O que é como se faz. 50. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. 2. Ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.